

O Fundamentalismo Religioso e a “Bomba Inteligente”*

Larissa Grau

Índice

1 O fundamentalista religioso: um novo modelo identitário	1
2 O duplo movimento de desconstrução do sujeito	4
3 Ahmad Qasir: a raiz de uma identidade contemporânea incipiente	4
4 O terrorismo político	6
5 A hibridização de um modelo político e de um modelo religioso	8
6 A mediação midiática da identidade do suicida religioso	8
7 Os vídeos-testamento e a legitimação de uma representação identitária	11
8 Bibliografia	12

1 O fundamentalista religioso: um novo modelo identitário

Simbolicamente, a queda do muro que dividia a cidade de Berlim, em 1989, significou a derrocada de uma certa dualidade no mundo civilizado. De um lado, os países alinhados à

ideologia capitalista, capitaneados pelos Estados Unidos da América; do outro, os países do bloco socialista, liderados pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Esses dois atores eram responsáveis pelas grandes ações na arena global. Duas esferas de influência compreendiam toda extensão mundial. Porém, naquele ano, não ruiu somente um muro de concreto, mas a bipolaridade planetária e, junto com ela, a predominância de dois grandes discursos hegemônicos. Surgiram outros discursos, até então sufocados pelo poderio das duas potências e esses começaram a reivindicar o seu direito de expressão e o seu espaço de fala. Suportadas pelo advento das novas tecnologias de comunicação, identidades coletivas que permaneciam ocultas se revelaram e outras novas, ainda incipientes, principiaram um processo de construção, legitimação e demanda por visibilidade, inclusive, midiática. A ordem mundial se tornou ainda mais complexa. Outras forças e outros agentes, suportados por outros códigos, entraram em ação.

Dentro da miríade das novas identidades contemporâneas, uma delas se destacou por pelo menos dois motivos. Primeiro, por se estruturar sob fundamentos e bases religiosas de características pré-modernas e, segundo, pela sua forte presença nos veículos midiá-

*Artigo científico de Larissa Grau, graduanda do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Fumec. Belo Horizonte, 20 outubro 2007. Extraído da monografia intitulada *A bomba inteligente: processo de construção de identidade e de visibilidade midiática dos homens-bomba palestino*.

ticos provocada por seus atos: os suicidas religiosos. A partir da década de 90 do século passado, intensificou-se o fenômeno da *shahada* - o martírio ou suicídio religioso – que passou a ser não apenas desejada, mas glorificada no meio social de onde se originou. Nos telejornais, nos periódicos impressos, nas rádios e nos meios digitais de comunicação foi possível tomar conhecimento da existência destes jovens que, justificados por um sentimento político-religioso, sacrificavam as suas vidas, levando consigo outras tantas pessoas por meio de um atentado terrorista. Não tardou para que este tipo de ação fosse designado pelo senso comum – e mesmo por alguns especialistas - como fruto do desespero e da miséria econômica. Mas a personalidade, a identidade dessas pessoas e o contexto sócio-cultural no qual elas se inserem não podem ser reduzidos dentro de explicações simplistas que não abarcam a totalidade da complexidade humana e cotidiana.

A oposição ao modelo socialista e capitalista de governo e ao nacionalismo árabe

Identidades não são inerentes ao sujeito, mas socialmente construídas. Suas respectivas representações apontam para um desejo social. Elas descortinam sistemas de valores, pois, afinal, o indivíduo não vive em dicotomia com o meio social em que está inserido. Integra-se a ele, modificando-o na mesma medida em que é modificado. O processo de construção de uma identidade coletiva reflete as práticas e a tessitura sociais vigentes de um determinado grupo, assim como, ao mesmo tempo, é refletido por elas.

O suicídio de inspiração fundamentalista islâmica, embora tenha elementos ligados à tradição religiosa, é um fenômeno contemporâneo e “representa uma das mais importantes fontes de construção de identidade na

sociedade em rede (...)” (CASTELLS, 1999: 29), ou seja, na era da informação – um período pós-industrial em que emergem sociedades nas quais o grande acesso à produção e à distribuição de informação interfere em sua morfologia social. Os fundamentalistas justificam seus atos afirmando serem eles, a única maneira de abraçar um ideal de passado coletivo mais puro. No entanto, o fundamentalismo islâmico não é um movimento tradicionalista, mas revolucionário, já que pretende transformar as bases políticas de uma sociedade. Na realidade, nos esforços para “incutir a identidade islâmica na história e nos textos sagrados, e em defesa da causa da resistência social e da insurreição política, os islâmicos procederam à reconstrução de uma identidade cultural¹ que é de fato hipermoderna” (CASTELLS, 1999: 33). Politizar o sagrado – o movimento contrário ao descrito por Marx² -, sacralizar a ação política, transformar as instituições islâmicas pseudojurídicas “em formas de devoção social” refletem meios de realização de uma política de identidade, da “invenção dessa identidade”. Se os fundamentalistas defendem as leis da *sharia*³ como base radical para as leis das instituições políticas, para a maioria dos muçulmanos, entretanto, ela representa somente uma referência para seguir o caminho indicado por Deus e não uma ordem rígida e inflexível.

¹ Segundo o autor, o conceito de identidade refere-se a “fontes de significado para os próprios atores, por ele originadas, e construídas por meio de um processo de individuação” (CASTELLS, 1999: 23).

² Karl Marx afirmava que a política era a forma profana da religião.

³ *Sharia* é o conjunto de leis divinas contidas no livro sagrado do islamismo – Corão - e os Hadiths que compreendem os ensinamentos do profeta Mohammad.

Ainda segundo Castells, o surgimento dos movimentos radicais islâmicos parece estar relacionado a um fracasso tanto das sociedades tradicionais quanto do modelo moderno de Estado burguês ocidental em algumas regiões do mundo. Se houve uma modernização conduzida pelos Estados-nações durante as décadas de 50 e 60, foi o fracasso econômico e político o resultado alcançado pelos países árabes. A conseqüente frustração foi o resultado de múltiplas variáveis dentre elas a “corrupção generalizada, ineficiência, dependência de potências estrangeiras” (1999: 35). Não seria, então, uma mera coincidência de que dois dos levantes religiosos mais importantes ocorreram, na mesma época, em duas distintas nações localizadas em lugares distintos do mundo. Um deles eclodiu em 1978 entre o Afeganistão ocupado e as forças da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O conflito durou nove anos e, naquele momento histórico, foi interpretado como mais um dos palcos recorrentes de batalha do período político e econômico conhecido como Guerra Fria entre os blocos dos países de influência socialista e capitalista, capitaneados por Rússia e Estados Unidos da América, respectivamente. O governo americano apoiou direta e indiretamente os insurgentes afegãos – *mujahedeen*⁴ – que lutavam para expulsar o exército comunista. Desses insurgentes, surgiu o movimento *taleban*⁵ que viria a ocupar o go-

⁴ Palavra árabe que designa muçulmanos que estão combatendo em uma guerra ou lutando em outros conflitos ou disputas.

⁵ O movimento *taleban* é uma milícia fundamentalista islâmica que tem como propósito constituir o Estado “mais puro” dentro dos princípios da *sharia*. Sua origem étnica afegã é *pashtu*. Seus militantes mais famosos e influentes, incluindo o próprio

verno⁶ até ser, ironicamente, destituído por um exército de forças aliadas, comandados desta vez pelos mesmos Estados Unidos que os haviam, outrora, apoiado.

Pois na mesma época, uma outra insurgência religiosa abalou o mundo devido ao seu ineditismo e significância. Em 1979, o líder religioso xiita Ayatollah Ruhollah Khomeini, radicado em Paris, dirigiu a maior revolução de inspiração religiosa da contemporaneidade. O Irã era, então, comandado pelo xeque Reza Pahlevi⁷, aliado dos Estados Unidos, que fez do país uma monarquia autocrática pró-Occidente. Khomeini contou, durante seu governo, com o apoio do aliado soviético, ainda nos tempos da Guerra Fria, que também os apoiariam na guerra que viria a seguir, entre Irã e o país vizinho, Iraque, apoiado pelos Estados Unidos.

Portanto, a identidade islâmica não foi construída contra um só modelo econômico, mas constituiu-se em oposição tanto ao modelo capitalista quanto ao modelo socialista vigente na época. Foi também uma oposição ideológica ao nacionalismo árabe das décadas de 50, 60 e 70 que, para os fundamentalistas, eram originados de uma ordem colonial ocidental há muito fracassada. Para Mohammad Omar, vieram de escolas religiosas islâmicas – madrassas.

⁶ As milícias taleban tomaram o poder no dia 27 de setembro de 1996 quando conquistaram a capital do país, Cabul. Dominaram cerca de 90% de todo o território afegão. O governo taleban caiu em 2001 com a invasão das tropas aliadas comandadas pelos Estados Unidos em sua guerra “contra o terror”, deflagrada logo após o atentado às torres do World Trade Center, na cidade de Nova York, em 11 de setembro do mesmo ano.

⁷ Reza Pahlevi foi o sucessor de seu pai, Reza Khan Palevi, e foi o xá da Pérsia de 1941 a 1979, quando foi deposto pela revolução islâmica.

o fundamentalismo religioso, as sociedades e as instituições políticas devem ser organizadas em torno da instituição religiosa, das leis do Corão, que são incontestáveis, já que sua origem não é humana, portanto falível, mas divina. Embora as leis da *sharia* possam ter mais de uma interpretação – algumas mais rígidas e outras mais flexíveis –, o fundamentalismo islâmico “implica a fusão da *sharia* e *figh*, ou a interpretação e aplicação dos princípios [religiosos] por juristas e autoridades sob o predomínio absoluto da *sharia*” (CASTELLS, 1999: 31). Para um muçulmano conservador, o vínculo identitário, o sentimento de nacionalidade, não se estabelece com uma determinada circunscrição territorial (*watan* ou terra natal), mas advém da própria comunidade de fiéis (*umma*) que vive em uma determinada região. Daí a necessidade religiosa de expurgar das terras sagradas – islâmicas - aqueles que não compartilham a sua fé única e que se secularizaram, desviando-se da obediência das leis de Deus. Para os religiosos, esse é o único caminho possível para se constituir uma nação e disso advém a necessidade da *jihad*⁸.

2 O duplo movimento de desconstrução do sujeito

Na construção da identidade islâmica fundamentalista há, então, um movimento duplo de desconstrução: a de um sujeito racional idealizado pelo iluminismo moderno e a de indivíduos-cidadãos pertencentes a um determinado Estado-nação. Se o conceito

⁸ *Jihad* em árabe significa “esforço” e “desempenho”. Para os muçulmanos, a tradução literal do termo como “guerra santa” é incorreta, já que somente se aplica se a guerra é necessária como esforço ou desempenho para atingir um determinado propósito.

de revolução pressupõe uma teleologia, ou seja, um objetivo específico a ser alcançado na esfera da transformação ético-política, o Irã realizou a sua, já que após o movimento vitorioso de 1979, o conceito de nação e a conseqüente noção de pertencimento passaram a ser sustentados por outros pressupostos políticos e individuais que são suportados pelas leis religiosas e não pelos princípios do Estado moderno. O próprio conceito de Estado-nação iraniano está intimamente ligado ao fato de que Estado político e religião não podem ser separados⁹, sendo que o primeiro responde, antes de tudo, às leis da *sharia*, como bem demonstra o artigo 10 de sua Constituição revolucionária que afirma que “todos os muçulmanos constituem uma única nação”, independente do local de seus nascimentos e origem étnica. “A construção da identidade islâmica contemporânea realiza-se como uma reação contra a modernização inatingível (capitalista ou socialista), os efeitos negativos da globalização e o colapso do projeto racionalista pós-colonial” (CASTELLS, 1999: 35).

3 Ahmad Qasir: a raiz de uma identidade contemporânea incipiente

No Museu do Martírio¹⁰, no setor dedicado aos mártires que caíram na luta árabe contra o inimigo israelense, uma ausência significativa chama a atenção: Ahmad Qasir. Qasir é considerado o primeiro homem-bomba palestino a executar uma missão político-religiosa da qual não era suposto retornar

⁹ De certa maneira, um conceito pré-moderno para os ocidentais.

¹⁰ O museu localiza-se na capital iraniana, Teerã.

com vida. No dia 11 de novembro de 1982, Qasir, então com 18 anos de idade, dirigiu um caminhão carregado de explosivos na direção da cidade de Tiro. Lá, o atirou contra uma base militar israelense ao sul do Líbano, então ocupado e em guerra civil¹¹. Matou, junto com ele, 80 pessoas, dentre elas 74 soldados. Entretanto, seu ato não foi referenciado como um sacrifício religioso islâmico – *shahada*. E a razão pura e simples para tal ocorrência é que, na época, ninguém e nenhuma instância de informação soube que a completa destruição do prédio havia sido provocada por um suicida cuja missão havia sido inspirada nos feitos de outros mártires iranianos xiitas. Passados dois anos e meio, a própria família de Qasir, comerciantes da cidade de Dayr Qanun al-Nahr, ainda desconhecia o destino do filho. Só então foi revelado pelo grupo Hezbollah¹² que o jovem não havia sido seqüestrado durante os conflitos entre facções rivais ou, tampouco, detido por milicianos cristãos. Ahmad Qasir havia morrido em uma missão suicida e se tornado o primeiro extremista no mundo a utilizar um carro-bomba como um dispositivo de explosão para se tornar um *shaheed* – um mártir religioso.

Se essa história original não se transformou em notícia na época é porque o sistema

¹¹ A guerra civil no Líbano iniciou-se em 1975 e terminou em 1990. Colocou em lados opostos cristãos maronitas e uma coligação entre muçulmanos e drusos. Em 1976, Israel entra no conflito e ocupa a região sul do país que abrigava a Organização pela Libertação da Palestina.

¹² “Partido de Deus”. Grupo e partido político fundamentalista xiita libanês, liderado por Sayyed Hassan Nasrallah, fundado em 1982, que recebe apoio espiritual e financeiro do Irã. Surgiu entre os palestinos que se refugiaram no sul do Líbano após diversos conflitos com os israelenses.

dos meios de comunicação que produzem, reproduzem e distribuem as informações do mundo não fizeram a mediação entre o fato ocorrido e o público. A representação imagética de um *shaheed*, tão bem sucedida no Irã após o primeiro suicídio, não completou sua função semiótica de ocupar o espaço vazio do sujeito que já estava ausente. As sociedades que “conhecem” o mundo através dos meios de comunicação e da representação que eles fazem da realidade não obtiveram o conhecimento desta nova e incipiente identidade contemporânea importada de um outro país¹³, mas cuja ideologia encontrava ambiente cultural, político, econômico e social propício no mundo árabe; especificamente, entre os palestinos.

Descoberto o feito, o nome de Qasir se tornou uma referência para os palestinos que viviam tanto nos territórios ocupados por Israel¹⁴ quanto por aqueles que haviam deixado suas casas e se abrigado nos países vizinhos¹⁵ e europeus. Seu ato passou a ser a concretização do próprio conceito de sacrifício religioso e de seu potencial uso como uma poderosa arma letal. O dia da morte de Qasir se tornou um símbolo e foi proclamado como o Dia do Martírio pelo grupo extremista Hezbollah. Mas, até então, a imagem do suicida ainda não era um valor totalmente positivo dentro da sociedade muçulmana e palestina¹⁶, ou seja, o suicídio religi-

¹³ Do Irã de inspiração xiita.

¹⁴ Dentre eles, originou-se o grupo fundamentalista Hamas, sediado na cidade de Gaza.

¹⁵ O Hezbollah é um grupo xiita libanês que se originou nas cidades palestinas no sul do Líbano, onde mantém forte esfera de influência.

¹⁶ Segundo pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisa e Investigação Política, em outubro de 2003, cerca de 75% da população palestina apoiava o atentado cometido no dia 4 daquele mês que havia matado

oso não agregava status social ao indivíduo que o praticava. Um outro aspecto, não menos importante, também distinguiu o atentado de Qasir dos modelos contemporâneos: o alvo escolhido por ele era militar e o país estava em guerra.

4 O terrorismo político

Embora o terror não tenha ainda uma definição consensual, possui algumas características que são comuns a todos os atos terroristas. Por sua própria natureza, ele é público. Sua linguagem é a da violência e costuma-se dizer que o terror é uma “comunicação violenta” (WAINBERG, 2005). Para ser efetivo, deve ser brutal. Ele não requer uma infraestrutura sofisticada, embora seja uma ação organizada e intencional, planejada e sistemática. É imprevisível, clandestino e repetitivo. O ato criminoso é acompanhado de demandas e exigências¹⁷. No caso do terror suicida praticado por um só indivíduo, seu custo operacional é baixo –cerca de 150 dólares¹⁸ - e sua execução de relativa facilidade. O autor da ação - um sujeito comum - escolhe o local e a hora de acordo com seus propósitos e as circunstâncias disponíveis do momento. O agente aproveita as condições que lhe são oferecidas no território inimigo. O ato demanda um tipo específico de planejamento prévio e estratégico re-

21 pessoas na cidade de Haifa, em Israel. Três vítimas eram crianças.

¹⁷ Alex Schimd em *Political terrorism: a new guide to actors, authors, concepts, data base, theories and literature* tenta superar a dificuldade de definir o terror buscando, para isso, 19 diferentes definições. Opta por discriminar os elementos que são comuns (22 tópicos) aos diversos tipos de terrorismo.

¹⁸ O custo médio de um atentado com um dispositivo atado junto ao corpo (cinto-bomba).

lativamente simples, já que não prevê possíveis rotas de fuga, equipes de resgate, o risco da captura e uma possível delação de companheiros. Além disso, o terror provoca um forte impacto sobre as pessoas, pois visa obter um efeito psicológico. Ele intenta “abalar o estado de espírito das comunidades, em especial a comunidade visada” (WEINBERG, 2005: 9). E, sobretudo, o terror possui uma dimensão publicitária¹⁹, no sentido de retórica, e um grande apelo midiático. Há quem afirme que sem a imprensa não haveria a prática do terror. O terrorismo, “como um fenômeno de violência política, é um tipo de guerra que visa ferir de morte o inocente” (WAINBERG, 2005: 48).

Quando Qasir se matou, a prática do terror já era utilizada pela resistência palestina, em um mesmo modelo utilizado por outros grupos de extrema esquerda e de direita na Europa e na América Latina. O argumento desses grupos, para justificar os seus atos contra civis e inocentes, era a derrubada de regimes tirânicos e desumanos, a revolução socialista, o combate ao comunismo e, no caso, palestino, a luta contra Israel e a expulsão de todos os judeus da região da Palestina histórica²⁰.

Entretanto, o terrorismo político não é um fenômeno contemporâneo. Já há alusões à prática do terror no Antigo Testamento. Na Grécia Antiga, Harmódio e Aristogíton assassinaram o tirano Hiparco e foram, por isso, considerados heróis da democracia e da liberdade. A seita ismaelita Ordem dos As-

¹⁹ Quando Alex Schmdt usa a expressão “publicitária” refere-se ao aspecto simbólico que o atentado visa demonstrar para as pessoas.

²⁰ Denominação que foi mantida durante o Mandato Britânico na região após a queda do Império Otomano provocada pela Primeira Guerra Mundial.

sassinatos, em meados do século 12, trouxe o horror e o pânico à região do Oriente Médio. Na Rússia czarista e na Alemanha de Bismarck várias foram as tentativas de assassinatos de líderes políticos. O próprio estopim da Primeira Guerra Mundial foi um atentado terrorista praticado pelo sérvio Gavrilo Princip no qual foram mortos o arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia Chotek. Na Palestina, o grupo paramilitar sionista Irgun bombardeou o Hotel King David em Jerusalém no dia 22 de julho de 1946 (WAINBERG, 2005).

Mas chama a atenção os atentados nos anos 70 do século 20. Entre seus exemplos se encontra o grupo irlandês de inspiração católica *Irish Republican Army* (IRA) que, no dia 21 de novembro de 1974, matou 21 pessoas e feriu 164 em um ataque à bomba na cidade de Birmingham, na Inglaterra. Na Itália, no dia 16 de março de 1978, o grupo de extrema esquerda *Brigate Rose* (Brigadas Vermelhas) seqüestrou o dirigente do partido Democracia Cristã Aldo Moro, que foi mantido durante 55 dias em cativeiro. Seu corpo foi encontrado no dia 9 de maio dentro do portamalas de um carro abandonado na porta da sede do partido. Na Alemanha, o grupo liderado por Andreas Baader e pela jornalista Ulrike Meinhof - *Baader-Meinhof* ou Facção Exército Vermelho - mantinha relações operacionais com outro grupo, a Frente Nacional pela Libertação da Palestina (FNLP), dos quais receberam treinamento em um campo na Jordânia. Em 27 de junho de 1976 realizaram uma operação conjunta. O avião - vôo 139 - da companhia aérea francesa *Air France* com destino a Paris foi seqüestrado por cinco guerrilheiros da FNLP e dois membros do Baader-Meinhof. Foi, então, desviado para o aeroporto de Entebbe, em

Uganda, onde a missão recebeu o apoio do ditador Idi Amin Dada. O avião conduzia 250 passageiros, sendo 83 de nacionalidade israelense. Em Uganda foram libertados todos os reféns, exceto aqueles procedentes de Israel. Após rejeitar a proposta dos terroristas de libertar prisioneiros palestinos, Israel optou por uma operação militar. Um avião da Força Aérea pousou em Entebbe e resgatou 81 dos reféns, sendo dois deles mortos durante o tiroteio com os terroristas e as forças ugandenses.

Um dos atentados políticos mais simbólicos de todos os tempos também foi praticado contra cidadãos israelenses e ocorreu no dia 5 de setembro durante as Olimpíadas de Munique em 1972. Um grupo que se intitulava Setembro Negro – uma ramificação da Organização pela Libertação da Palestina -, invadiu a vila olímpica, entrou no alojamento israelense e seqüestrou 11 atletas. A operação fracassada de resgate comandada pelo governo alemão, já no aeroporto, culminou com o assassinato de todos os atletas algemados dentro de helicópteros. No dia 7 de outubro de 1985, um outro atentado da OLP: quatro membros da organização seqüestraram um navio italiano de cruzeiro – *Achille Lauro* – e exigiram a libertação de palestinos detidos em Israel. O presidente do Egito, Husni Mubarak, convenceu os seqüestradores a se entregarem, mas não antes de matarem um homem de nacionalidade americana, judeu, de 69 anos, em cadeiras de rodas e atirar o seu corpo ao mar.

5 A hibridização de um modelo político e de um modelo religioso

A Organização pela Libertação da Palestina, de ideologia laica, foi criada em 1964 na cidade do Cairo, no Egito, e após a sua criação, o Conselho Nacional Palestino, sediado em Jerusalém, proclamou a luta armada contra o estado judaico. A OLP foi a responsável por dar uma visibilidade midiática à causa e à identidade palestina. Uma vez que a construção social da identidade²¹ sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder, Manuel Castells propõe três formas e origem de construção de identidades: a identidade legitimadora que dá origem à sociedade civil, a identidade de resistência e a de projeto. Para o autor, a identidade de resistência é

criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo assim trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos (CASTELLS, 1999: 24).

Já na identidade de projeto, “os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar

²¹ A identidade para Manuel Castells é aquilo que constitui “fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Embora (...) as identidades também podem ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessas internalização” (1999: 23).

a transformação de toda a estrutura social” (CASTELLS, 1999: 24). Podemos dizer, então, que a OLP, nos idos dos anos 60 do século 20, constituiu uma identidade de resistência e, hoje, tenta constituir uma identidade de projeto que tem como objetivo não mais produzir comunidades, mas sujeitos.

No processo de migração do terror do Ocidente (grupos de extrema esquerda, direita ou laicos) para o Oriente, há uma mudança ideológica na justificativa do terror. “Não predominam mais as categorias seculares de “direita” e “esquerda”. Agora chama a atenção a cosmovisão religiosa e a busca dos fundamentos identitários” (WEINBERG, 2005: 51). A partir de 1980, o mundo começa a testemunhar um modo híbrido de terrorismo que mistura a ação dos suicidas religiosos com o atentado político da década de 70. Surge então uma outra identidade: um novo *shaheed* que se explode não somente contra alvos militares, como Qasir, mas contra civis.

Ao contrário de outros tempos, nos quais o Ocidente via-se marcado de sangue pela justificativa revolucionária de grupos variados de esquerda e de direita, agora predomina nos levantamentos estatísticos a correlação entre o homicídio político e o fundamentalismo islâmico (WEINBERG, 2005: 60).

6 A mediação midiática da identidade do suicida religioso

Além de Ahmad Qasir, um outro homem foi importante para a construção da imagem e, conseqüentemente, da identidade de um homem-bomba. Seu nome é Ayman al-Zawahiri, médico egípcio, membro do grupo radical islâmico Al-Jihad, que fundou com o

seu mais ilustre paciente, o saudita Osama bin Laden, uma outra organização fundamentalista, cuja inspiração era a organização Irmandade Muçulmana²²: Al Qaeda²³. No início da década de 90 do século 20, ainda havia entre as comunidades islâmicas um forte tabu religioso contra a prática do suicídio, embora essa tática já houvesse sido utilizada pelo Hezbollah no Líbano²⁴. O fenômeno do atentado perpetrado por um jovem convertido em uma máquina letal era recente e a morte aleatória e indiscriminada causada pelos atentados, não raro, provocava a fúria popular entre a população árabe. Para o jornalista Lawrence Wright²⁵, foi provavelmente o contato que manteve com o grupo xiita libanês que resultou na decisão de Al-Zawahiri em adotar a prática do suicídio terrorista religioso como um *modus operandi* da Al-Qaeda.

Entretanto, uma inovação de al-Zawahiri foi fundamental para que a imagem do homem-bomba se convertesse na representação de um herói trágico e com isso alterasse a disposição das comunidades árabes para a prática da *shahada* contra alvos civis. Foi dele a idéia de gravar fitas de áudio

e de vídeos nos quais o futuro mártir declarava a sua intenção de morrer por uma causa político-religiosa e na qual justificava para a sua comunidade o seu ato. Esses vídeos foram denominados *preattack videos* ou vídeos-testamento e, segundo Wright, era o próprio egípcio quem distribuía as fitas contendo a gravação.

Em Israel e nos territórios palestinos, a tática do atentado perpetrado por um suicida era praticamente desconhecida até a década de 90, quando, então, fracassaram os Acordos de Oslo²⁶. Desde o ano de 1993, o terror suicida tem sido uma prática recorrente entre jovens recrutados pelos grupos palestinos Hamas, Jihad Islâmica e Brigada dos Mártires de Al-Aqsa, braço armado do partido político Fatah. Entre eles, o carro-bomba às vezes é substituído por outro dispositivo bélico: o cinto com explosivos, atado junto ao corpo.

Com o objetivo de maximizar o número de mortes, esses ataques suicidas começaram a ser realizados em espaços prosaicos da vida cotidiana: cafés, restaurantes, discotecas, pontos de lotação, feiras populares, *shoppings*, ônibus lotados na hora do *rush* e postos militares. Este último, geralmente motivado pela impossibilidade de atravessar as barreiras militares e entrar, assim, em território israelense. Somente cerca de 10% dos atentados suicidas não ocorre em luga-

²² Criada em 1928 por Hassan al-Banna que transpôs a pregação do terreno religioso para o político. Postulou que a divisão do mundo muçulmano em Estados-nações – um conceito moderno ocidental – era uma ação essencialmente anti-islâmica.

²³ Em árabe: “a base” ou “fundação”.

²⁴ Já na década de 80, o Hezbollah utilizava o recurso do suicídio de maneira recorrente. Já em 1985, a primeira mulher-bomba se explodiu contra uma base militar israelense no Líbano.

²⁵ Lawrence Wright é jornalista norte-americano e colunista da revista *New Yorker*. É autor de vários livros; dentre eles, o livro-reportagem *O Vulto das Torres*, vencedor do Prêmio Pulitzer 2007 na categoria de não-ficção.

²⁶ Em 1993, os Acordos de Oslo começaram a ser delineados na cidade norueguesa entre o governo de Israel, representado pelo primeiro-ministro Ytzhak Rabin, e o presidente da Autoridade Nacional Palestina, Yasser Arafat, e mediado pelo presidente dos Estados Unidos da América, Bill Clinton. Estipulava uma série de tópicos, dentre os quais, o fim imediato do conflito israelo-palestino, a tomada da negociação territorial na região, a retirada de Israel do sul do Líbano e a posse da cidade de Jerusalém.

res públicos, ou seja, contra instalações militares, postos de fronteiras, soldados ou veículos militares.

Quando foi iniciada a segunda *intifada*²⁷, o número de atentados cresceu assustadoramente dentro das cidades israelenses²⁸. De setembro de 2000 até o final de 2005, 147 atentados suicidas ocorreram dentro de Israel. O país passou a ser alvo de uma sucessão de táticas operacionais – atentados suicidas – em que, para a sua concretização, é necessária a morte do agente da ação.

A maioria destes ataques é realizada por jovens entre 15 e 25 anos, preponderantemente do sexo masculino. Porém, em 2003, um fato novo. O líder espiritual do Hamas – Ahmed Yassin²⁹ – autorizou a prática do martírio feminino, até então proibido pelo código de ética dos grupos fundamentalistas nos territórios ocupados. Hoje, grupos como o Hamas e Jihad Islâmica, admitem o recrutamento de mulheres para a prática do terror suicida. Um dos motivos para essa mudança de atitude foi uma resposta à segurança israelense que colocava sob suspeita jovens muçulmanos do sexo masculino, que eram mais passíveis de serem revistados nos postos de fronteira. E assim, de acordo com Jessica Stern³⁰, especialista em terrorismo da Uni-

versidade de Harvard nos Estados Unidos, a percepção de que mulheres representavam um menor potencial ofensivo³¹ fizeram delas um alvo perfeito para o recrutamento de jovens aptos ao suicídio. A primeira vez que uma mulher teve o papel vital em um atentado terrorista palestino dentro de Israel, foi no ano de 2002³². Wafa Idris, 28 anos, paramédica da Organização Crescente Vermelho³³, se tornou a primeira mulher-bomba a se matar no conflito israelo-palestino e é considerada uma mártir³⁴. Seu nome é louvado em canções. *Shows* foram gravados e exibidos em sua homenagem no canal oficial de televisão da Autoridade Nacional Palestina (APTV). A partir daí, um número crescente de mulheres, inspiradas por ela, têm se somado às estatísticas daquelas que praticam a *shahada*.

³¹ Havia a percepção de que as mulheres eram menos inclinadas a cometer atos violentos. Isso ocasionava menos probabilidades de revistas minuciosas nos postos de controle de fronteira entre Israel e os territórios ocupados; a própria vestimenta islâmica feminina – *shador* – facilitava a ocultação do cinto-bomba nas vestes.

³² Desde então, oito mulheres cometeram o suicídio religioso no Estado de Israel.

³³ Parte do Comitê Central da Cruz Vermelha Internacional, entidade sem fins lucrativos, que visa dar apoio e amparo a vítimas de conflitos e catástrofes.

³⁴ Wafa Idris se explodiu no dia 27 de janeiro de 2002. Investigações da polícia israelense, entretanto, levantaram a hipótese de que Idris não teria a intenção de se matar e sua missão era entregar os explosivos a outra pessoa – um homem, provavelmente. Um dos elementos que contribuíram para essa hipótese é a ausência de um vídeo-testamento no qual ela deveria expor sua intenção e razões, procedimento comum antes de qualquer atentado. Ela teria detonado os explosivos ao ser detida por policiais israelenses. Desde o seu atentado, que matou um idoso israelense de 81 anos, ela tem sido cultuada entre os palestinos.

²⁷ A segunda Intifada iniciou-se no dia 28 de setembro de 2000.

²⁸ Somente no ano de 2001, 20 atentados suicidas ocorreram em Israel, totalizando 105 mortos e 597 feridos.

²⁹ Ahmed Yassin foi um dos fundadores do grupo extremista e fundamentalista Hamas e, até sua morte, seu líder espiritual. Foi assassinado em um ataque de helicóptero perpetrado pelas Forças de Defesa de Israel no dia 22 de março de 2004.

³⁰ Artigo de Márcio Senne de Moraes publicado no jornal *Folha de S. Paulo* no dia 10 de setembro de 2004.

7 Os vídeos-testamento e a legitimação de uma representação identitária

Os suicidas religiosos denominam a sua ação como “explosão sagrada”. É antes dela que o *shaheed* grava o seu vídeo-testamento em que perpetuará sua identidade heróica. Nele, lê uma carta de despedida, narra o caminho de sangue que irá percorrer, pede que não chorem por ele e atribui um significado celestial ao ato que irá praticar – o suicídio religioso. Irá, então, assistir a este vídeo, assim como outros, de seus predecessores. Os vídeos são uma fonte de inspiração. Reforçam os laços identitários com o seu povo e com seus “irmãos” que se foram antes dele. Funcionam como um estímulo tanto para os outros que virão depois dele – os receptores -, como para o próprio autor – aquele que o emitiu (FRANÇA, 2007). O jovem fará, então, suas abluções religiosas; raspará os pêlos de seu corpo e vestirá as roupas imaculadas de um indivíduo prestes a se tornar um mártir. Será a ele garantido que sua morte será sem dor e sua entrada no Paraíso, instantânea.

As fotografias estilizadas desses jovens mortos podem ser vistas por toda parte: são coladas em muros e seus rostos são pintados em paredes de edifícios. Suas famílias ganham notoriedade social, *status*, dignidade e, por vezes, proteção e compensação financeira. Seus nomes são citados e reverenciados em livros, poesias, canções. Seus pais participam de programas de televisão e falam da honra de terem um filho *shaheed*. Artistas locais dedicam a esses jovens composições e odes aos seus feitos. Os vídeos-testamento, nos quais os jovens se despe-

dem do mundo material e cotidiano, estão entre os mais alugados nas locadoras dentro da Autoridade Nacional Palestina. A identidade intencional e mediada dos mártires é a fachada padronizada, socializada e moldada de modo a se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade que ela representa. Uma identidade valorizada socialmente e que está, efetivamente, ao alcance de todos³⁵. Contra o anonimato nas sociedades da alta modernidade, esses jovens, ao praticarem a *shahada* se distinguem, ganham notoriedade e o apreço de seus familiares³⁶. Conquistam uma outra identidade, um novo

³⁵ Há um senso comum generalizado que afirma que homens-bomba são loucos, fanáticos ou motivados por uma condição econômica de extrema pobreza. Entretanto, muitos deles tiveram acesso à educação secular e superior, tem origem em uma família com recursos financeiros e sua opção pela *shahada* é racional. Artigo publicado na revista científica *New Scientist* afirma que mais alarmante que o senso comum que acredita que todo homem-bomba é um fanático religioso, é a conclusão de que qualquer pessoa, em determinadas circunstâncias, pode vir a se tornar um. Os potenciais suicidas ou manifestam sua vontade de praticar a *shahada* para o grupo ou são recrutados. Khaled Mechaal, dirigente do Hamas exilado na Síria afirmou, no ano de 2001, que o grupo dispunha de voluntários suficientes para os próximos 20 anos. Entretanto, é o grupo que define quem, quando, como e onde. Quando Rafat Abu Diyak, 24 anos, autor do atentado do dia 20 de março de 2002, soube que era o escolhido pelo grupo Jihad Islâmica, “chorou de alegria” segundo o líder da organização extremista, Mahmoud Tawalbi.

³⁶ Muhammad Haza Al Ghoul foi o autor de 69^o. atentado na segunda intifada. Obteve sucesso somente na segunda tentativa de praticar a *shahada* em junho de 2002. Seu pai, Haza, e sua irmã, Samar, declararam que ele era um herói e o pai, depois, acrescentou que Muhammad era um mártir. “Nossos filhos querem morrer pela nossa terra; para tê-la de volta”. Folha de São Paulo, 19 de junho de 2002.

e desejado “eu” que foi por eles e socialmente constituído.

8 Bibliografia

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

WAINBERG, Jacques A. *Mídia e Terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005. 202p.

WRIGHT, Lawrence. *O Vulto das Torres: a al-Qaeda e o caminho até 11/9*. tradução Ivo Koryotowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 506p.

FRANÇA, Vera. Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. In: XVI Compós, 2007, Curitiba. *Contribuições de G.H. Mead para pensar a comunicação*. Disponível: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_219.pdf. Acesso em 16 agosto 2007.